



## Uma ética da composição em *Trovar claro*, de Paulo Henriques Britto

André Vinícius Pessôa\*

Paulo Henriques Britto, que além de poeta é contista, professor de literatura e renomado tradutor, em *Trovar claro* (1997), quando especula sobre o fazer poético, fala do lugar mesmo da poesia. A metalinguagem nos seus versos atua como princípio de realização. Se o poeta testemunha o seu próprio ofício enquanto o executa, para além do como se faz, perguntamos: o que é desse ofício?

A resposta provisória a essa questão, lida a partir de alguns de seus poemas, recai numa ética da composição, ética aqui entendida como a *ethos* dos antigos gregos, que significa o hábito, o costume de fazer algo de uma determinada maneira, ação prática realizada de acordo com o modo de ser mais próprio do homem. Com isso deixamos de lado o uso posterior do termo, que repousa num significado moral.

Na série de poemas que abre o livro, “As três peças circenses”, são protagonistas três artistas de circo: o prestidigitador, o encantador de serpentes e o funâmbulo. Cada um deles, em suas possibilidades, é a metáfora do poeta.

\* Doutorando em Poética (UFRJ).

Este papel que se oferece virgem  
ao bel-prazer da pena e tinta  
é todo teu, só teu, como não é,  
nem nunca foi, a tua vida.

[...]

E se esta página inaugural  
negar-te a façanha de um verso,  
um gesto rápido há de restaurar  
a virgindade do caderno (p. 11).

A técnica da prestidigitação é feita de truques que dependem da rapidez e da agilidade das mãos. Diante do papel, preso ao seu caderno, em seu ofício, o poeta atua como um prestidigitador, um manipulador de palavras. Poemas nascem encantados como números de mágica. O ilusionista é o mágico que sabe esconder, escamotear e fingir. O poeta, por sua vez, é o fingidor que concede ao leitor não a ilusão do sentido, mas a própria realidade, ainda mais viva e fulgurante. Fingir é verbo que deriva do latim *fingere*, que quer dizer “modelar na argila”, “dar forma a qualquer substância plástica, esculpir”, também “dar feição a, afeiçoar”, e, por extensão, “reproduzir os traços de (algo), representar, imaginar, fingir, inventar” (Houaiss, 2001). A modelagem do fingir conduz às mãos. O poeta, o ser que escreve versos, adere a uma psicologia concreta das mãos escreventes.

Para. Volta atrás. Faz do palimpsesto

papel vulgar. Agora continua,  
retoma a doce flauta da literatura (p. 13).

O gesto inclui a tentativa e o erro. O gozo das palavras é vertigem vital da escrita. A partir da vida que se esvai, eis que o poeta toma posse de sua matéria. O instrumento que atende ao movimento de suas mãos, a seu bel-prazer derrama a tinta no papel. A folha branca de seu caderno lhe é receptiva.

Encantar serpentes é a tarefa do poeta. São ideias insidiosas, traiçoeiras, enganadoras, que se insinuam. Sugestões veladas que se dão a entender. Claros enigmas de poesia. Pensamentos poéticos que se infiltram no texto, e que conduzem a outros textos, mais vivos e verdadeiros. A palavra vibra ao som da doce flauta da literatura. O texto da vida é de uma verdade singular, mesmo que esguia e peçonhenta. Quem é a serpente? A realidade, o poeta ou a poesia?

Entre a palavra e a coisa  
o salto sobre o nada.

Em torno da palavra  
Muitas camadas de sonho (p. 15).

E o que dizer do funâmbulo? O equilibrista que vive do risco mortal de sua profissão é como o poeta. No desafio de equilibrar-se nas linhas tênues de sua escrita, o poeta segue nomeando as coisas do mundo. O ato de nomear é um arriscar-se destemido que desafia o vazio. Salta-se sobre o nada como se dançasse diante da fugidia existência. As mãos bailam ao escrever o canto. A carne dança. A alma é bailarina e o poema a acompanhada.

Há um dentro do corpo da palavra escolhida: o seu núcleo. A essa palavra, Paulo Henriques Britto associa a imagem cotidiana de uma cebola. Cortamos a cebola para nos alimentarmos e nes-

se ato prosaico choramos sem tristeza. A faca que corta é tensa e necessária. Em torno da cebola as camadas do sonho. No seu interior, o cerne da palavra. Camadas se despem, sonhos morrem. Resta o íntimo. O átomo. A essencialidade da matéria existente. A palavra precisa da poesia.

E nessa trajetória inesperada  
a carne faz-se verbo em cada esquina  
resolve-se completa em tinta e sílaba  
em súbitas lufadas de sentido (p. 19).

Nos “Sete estudos para mão esquerda”, Paulo Henriques Britto aprofunda a relação entre o poetar do poeta, a matéria a ser trabalhada – a palavra – e o sentido da poesia. A palavra poética se vê desmistificada nos seus versos. Pertence ao cotidiano das ruas. Ser o que ela é decorre do sentido próprio da poesia. A consciência relê o mundo e o poema no afã de querer saber a (inútil?) explicação das coisas.

Na provisória e efêmera segurança diante do rumo incerto dos acontecimentos, algo atravessa o poeta. Ele vê e sente, e pensa. Nada lhe devolve o ato de ser, aqui e agora. O instante poético é como uma rajada de vento, impetuosa, que subitamente se auto ilumina. Estampidos luminosos acordam o ser para a inevitável melodia do real. No entanto, frente ao esplendor da realidade a poesia corre perigo. O espetáculo que acontece diariamente aos sentidos pode se tornar para o poeta tão somente um acúmulo de escritos. Em desencanto, a pedra se desfaz. O lirismo se desconstrói em pedaços. A escrita torna-se enganosa. O desejo, indecifrável.

A coisa parece fácil:  
o fora em torno do dentro  
o alto em cima do baixo.

Mas essa ordem serena  
é coisa dura e avessa,  
uma máquina perversa (p. 25).

Paulo Henriques Britto realiza um movimento bipolar em seus versos. O próprio título do livro possui dois significados complementares. *Trovar claro* diz sobre o próprio trovar em sua nitidez composicional e também sobre o possível antagonismo entre o sentido do cantar do trovador e a clareza conceitual da linguagem. No *logos* dos versos de Britto, a razão é suspensa em sua presunção imperial e dá lugar ao poema. Na voz que pertence ao poeta soa a música que canta o seu devir mais íntimo.

Na duplicidade entre o cantar e o pensar está o estranhamento da palavra. O poeta se mascara – apolíneo – ao se revelar na consciência do escritor. O monólogo interno de Britto é um sinuoso questionamento. A construção de uma verdade visceral e totalizadora se retrai diante da possibilidade do poema. Substitui-se a ordem explicativa do mundo pela desfaçatez da vontade. O mundo instaurado pela poesia é o de uma vontade crua. O que nele se acha é o que se procura. Encontra-se o que quer que seja. A busca não cessa. Não há trégua aos olhos do poeta. Portando um ar de suspensão e suspeita de seu próprio método, ele segue desfiando o seu novelo de linhas, artesanal, a sua teia elaborada, a entretecer o sentido. Suas mãos, abissais, são capazes de gestos antinaturais.

O mundo segue opaco,  
imune à consciência e seus lampejos,

de lógica, sua falta de tato,  
sua avidez, seus deuses e desejos (p. 29).

No centro da poesia de Paulo Henriques Britto há o emba-  
te de forças contrárias. Enquanto a consciência almeja proclamar  
engrenagens perfeitas em sua complacência, a linguagem do mun-  
do segue fragmentária. Abarca o erro, a falha humana, o caos, o  
desencaixe, o desajuste. A linguagem do mundo costuma andar  
distante dos esquadros cômicos da razão. Augusto Massi diz, na  
orelha de *Trovar claro*, que

o poeta busca ideias de ordem diante do desconcerto do mundo,  
mas, impregnado por certa subjetividade, franqueia a experiên-  
cia intelectual aos momentos de intimidade. O racionalista em  
desassossego quer enterrar seus defuntos mais familiares e des-  
mascarar o impostor no espelho da identidade.

No mirar-se especulativo do poeta, os opostos – arte e  
razão – lutam para se equilibrar. A consciência se quer límpida,  
clarividente, mas a realidade desafia o puro cantar. Escreve-se  
muito nesse mundo, vasto mundo de Raimundos. “Rabisco, logo  
existo” (p. 26), ironiza Paulo Henriques Britto frente à insistente  
repetição do refrão racional sonhado por Descartes. O mesmo  
Britto canta, em “Idílio”:

Um sonho, musculoso e maternal,  
um sonho quer purificar o mundo.

Desejo de formas claras e puras,  
de nitidezes simples, minerais,  
certezas retilíneas como agulhas.

Nada de nebuloso, frouxo ou úmido  
há de turvar o brilho do cristal  
de uma razão sem jaça e sem nervuras,  
sem óleos malcheirosos e carnais.

O sonho, sorridente e diurnal,  
espargirá sobre um túmulo de dúvidas

flores estritamente artificiais,

entre diagonais e ângulos agudos.

O sonho quer estrangular o mundo (p. 77).

Qual é o cristal que perdura na verdade humana? O sonho musculoso e maternal da razão? O mesmo (e velho) sonho que para pacificar o mundo o estrangula? Se por um lado as flores das certezas regulares, deveras artificiais, enfeitam os túmulos de uma vã sabedoria, por outro, os vivazes caminhos do mundo independem da consciência dominadora e de seus matemáticos lampejos de lógica. Sobra o poema, a solução difícil. Nele há o homem humano, a sua existência, o seu modo de ser, o seu universo particular, o seu espernear. Paulo Henriques Britto aconselha em verso: “Cuidado, poeta, o tempo engorda a alma” (p. 121). Num suscitar de sílabas cabe um destino.

Na ética de Paulo Henriques Britto não há a forma perdida alhures, atemporal, a ser cristalizada, encontrada, mas a forma atingida, assim como João Cabral de Melo Neto vislumbrara. Surdo às deusas, o poeta é um artífice. Atua como um domador de circo. Precisa domar as feras, as palavras, que seguem vivas no espetáculo do mundo. Algumas são eleitas. Seu trabalho é fruto de seleções e escolhas. O sumo que permanece, condensado, é o verbo essencial.

O verso nítido e preciso, cabralino. Diz Britto: “Cuidado: todo silêncio é pouco” (p. 121). Só é comum ao leitor o que sobrou no final, e isso lhe é tudo.

## **Referências**

BRITTO, Paulo Henriques. *Trovar claro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.

